

## IX

## ABIGAIL CRISTA

Desde o martírio de Estevam, agravara-se em Jerusalém o movimento de perseguição a todos os discípulos ou simpatizantes do "Caminho". Como se fôra tocado de verdadeira alucinação, ao substituir Gamaliél nas funções religiosas mais importantes da Cidade, Saulo de Tarso deixava-se fascinar por sugestões de fanatismo cruel.

Impiedosas devassas foram ordenadas a respeito de todas as famílias que revelassem inclinação e simpatia pelas idéias do Messias Nazareno. A igreja modesta onde a bondade de Pedro prosseguia socorrendo os mais desgraçados, era rigorosamente guardada por soldados, com ordem de impedir as prédicas que representavam o brando consólo dos infelizes. Obsidiado pela idéia de resguardar o patrimonio farisáico, o moço tarsense entregava-se aos maiores desmandos e tiranias. Homens de bem foram expulsos da cidade, por meras suspeitas. Operarios honestos e até mães de família eram interpelados em escandalosos processos públicos, que o perseguidor fazia questão de movimentar. Iniciou-se um êxodo de grandes proporções, como Jerusalém de ha muito não via. A cidade começou a despovoar-se de trabalhadores. O "Caminho" havia seduzido para as suas doces consolações a alma do povo, cansada na incompreensão e no sacrificio. Livre das prestigiosas advertencias de Gamaliél, que se retirara para o deserto e sem a carinhosa assistencia de Abigail, que lhe facul-

tava generosas inspirações, o futuro rabino parecia um louco em cujo peito o coração estivesse ressequido. Debalde, mulheres indefesas suplicavam-lhe piedade; inutil crianças misérrimas pedirem complacencia para os pais, abandonados como prisioneiros infelizes.

O moço de Tarso parecia dominado por uma indiferença criminosa. As rogativas mais sinceras encontravam no seu espirito um rochedo áspero. Incapaz de compreender as circunstancias que lhe haviam modificado os planos e esperanças da vida, imputava o insuccesso dos seus sonhos de mocidade áquele Cristo, que não conseguira entender. Odia-lo-ia enquanto visesse. Não sendo possivel encontra-lo para uma vingança direta, persegui-lo-ia na pessoa dos seus caudatarios, através de todos os caminhos. A seu ver, era ele, o carpinteiro anónimo, o causador dos seus fracassos em relação ao amor de Abigail, agora envenenado no seu coração impulsivo por sentimentos estranhos, que, dia-a-dia cavavam profundos abismos entre sua figura inolvidavel e as lembranças que lhe eram mais carinhosas. Não mais voltara á casa de Zacarias e embora os amigos da estrada de Joppe instassem suas notícias, mantinha-se irredutivel no círculo do seu egoismo sufocante. De vez em quando, sentia-se premido por uma saudade singular. Experimentava imensa falta da ternura de Abigail, cuja lembrança nunca mais se lhe havia apartado da alma enrijeida e ansiosa. Mulher alguma poderia substitui-la no carinho do seu coração. Entre angústias extremas, recordava a agonia de Estevam, sua invejavel paz de consciencia, as palavras de amor e de perdão; em seguida, via a noiva genuflexa, implorando-lhe amparo com um clarão de generosidade nos olhos súplices. Jamais esqueceria aquela prece angustiada e comovedora, ao abraçar o irmão nos derradeiros instantes de vida. Não obstante a perseguição cruel que o transformara em mola-central de todas as atividades contra a igreja humilde do "Caminho", Saulo sentia que as necessidades espirituais se multiplicavam no espirito sedento de consolação.

Oito meses de lutas incessantes passaram sôbre a

morte de Estevam, quando o moço tarsense capitulando ante a saudade e o amor que lhe dominavam a alma, resolveu rever a paisagem florida da estrada de Joppe, onde por certo reconquistaria o afeto de Abigail, de maneira a reorganizarem todos os projetos de um futuro ditoso.

Tomou o carro minúsculo com o coração oprimido. Quantas hesitações não vencera para retornar á antiga situação, humilhando a vaidade de homem convencionalista e inflexível! A luz crepuscular enchia a natureza de reflexos de ouro fulgurante. Aquele céu muito azul, a verdura agreste, as brisas cariciosas da tarde, eram os mesmos. Sentia-se reviver. Sonhos e esperanças continuavam, também, intangíveis. E refletia na melhor maneira de reaver a dedicação da mulher escolhida, sem humilhação para a sua vaidade. Contar-lhe-ia sua desesperação, diria das suas insonias, da continuidade do imenso amor que nenhuma circunstancia conseguiria destruir. Embora mantivesse firme o proposito de omitir toda e qualquer alusão ao carpinteiro de Nazaré, falaria a Abigail do remorso por não lhe haver estendido mãos amigas no instante em que todas as esperanças de sua alma feminina se haviam abalado, ante o imprevisto da morte dolorosa do irmão, em circunstancias tão amargas. Esclareceria os detalhes de seus sentimentos. Havia de referir-se á recordação indelével da sua prece angustiosa e ardente, quando Estevam penetrava os umbrais da morte. Atraí-la-ia ao coração que jamais a esquecerá, beijar-lhe-ia os cabelos, formularia novos projetos de amor e felicidade.

Mergulhado em tais pensamentos, atingiu a porta de entrada, identificando as roseiras em flor.

O coração batia-lhe descompassado, quando Zacarias surgiu com grande surpresa. Um abraço demorado assinalou o reencontro. Abigail foi objeto de sua primeira interrogação. Com estranheza notou que Zacarias entristeceu.

— Pensei que algum de teus amigos já te houvesse levado a desagradavel noticia — começou dizendo enquanto o jóvem buscava ouvi-lo ansioso. — Abigail ha

mais de quatro meses adoeceu dos pulmões e, para falar com franqueza, não temos qualquer esperança.

Saulo fizera-se lívido.

— Logo depois que voltou precipitadamente de Jerusalém, esteve mais de um mês entre a vida e a morte. Em vão nos esforçamos, eu e Ruth, para restituir-lhe o viço e as cores da juventude. A pobrezinha entrou a definhar e, em pouco tempo, acamou-se abatida. Solicitei tua presença, com ansiedade, a-fim-de resolvermos o possível em seu benefício, mas não appareste. Parecia-me que um ambiente novo lhe proporcionaria o restabelecimento da saúde, mas faltaram-me os recursos para uma iniciativa mais ampla, tal como se impunha.

— Mas, Abigail fez alguma queixa a meu respeito? — perguntou Saulo, aflito.

— De modo algum. Aliás, o regresso inesperado de Jerusalém, a enfermidade súbita e teu injustificavel afastamento desta casa, eram de molde a causar-nos dúvidas e receios; mas logo se verificaram melhoras positivas, após o período mais agudo da febre e ela nos tranquilizou a respeito. Explicou a necessidade da tua ausencia, disse estar ciente dos teus muitos afazeres e encargos políticos; referiu-se com gratidão ao acolhimento que lhe dispensaram teus parentes e, quando Ruth, para conforta-la, qualifica de ingrato o teu procedimento, Abigail é sempre a primeira a defender-te.

Saulo quis dizer alguma cousa, enquanto Zacarias fazia uma pausa, mas nada lhe ocorreu á mente. A emoção que lhe causava a nobreza espiritual da noiva amada, paralisava-lhe as idéias.

— Apesar do seu esforço para tranquilizar-nos — continuava o marido de Ruth — mantemos a impressão de que nossa filha adotiva se encontra dominada por desgostos profundos, que procura ocultar. Enquanto podia andar, visitava os pessegueiros, á mesma hora em que costumava faze-lo contigo. A principio, minha mulher surpreendeu-a chorando, nas sombras da noite; mas, em vão procurámos sondar a causa de seus intimos padecimentos. O unico motivo que alegava era

justamente o da enfermidade, que começava a minar-lhe o organismo. Mais tarde estagiou uma semana, por aqui, um pobre velho chamado Ananias. Deu-se então um fato estranho: Abigail encontrou-o em casa dos nossos rendeiros e, todas as tardes detinha-se a ouvi-lo horas-a-fio, manifestando daí para cá muita fortaleza espiritual. Ao despedir-se, o pobre mendigo deu-lhe como lembrança alguns pergaminhos contendo ensinamentos do famoso carpinteiro de Nazaré...

— Do carpinteiro? — atalhou Saulo evidentemente contrariado. — E depois?

— Tornou-se dedicada leitora do chamado Evangelho dos galileus. Consideramos a conveniência de afasta-la de semelhante novidade espiritual, mas Ruth ponderou ser essa, agora, a sua unica distração. Com efeito, desde que começou a falar no discutido Jesus Nazareno, observamos que Abigail se encherá de profundas consolações. E o fato é que não mais vimo-la chorar, embora se lhe não apagasse do semblante abatido a dolorosa expressão de amargura e melancolia. Sua conversação, daí por diante, parece haver adquirido inspirações diferentes. A dor transformou-se-lhe em confortadora expressão de alegria íntima. E fala a teu respeito com um amor cada vez mais puro. Dá impressão de haver descoberto nos misteriosos escaninhos da alma a energia de uma vida nova.

Depois de um suspiro Zacarias terminava:

— E contudo, a mudança não alterou a marcha da enfermidade que a devora devagarinho. Dia a dia vemo-la inclinar-se para o tumulo, como flor que tomba do hastil ao sopro do vento forte.

Saulo experimentava indifarsavel angústia. Penosa emoção revolvía-lhe a alma caprichosa e sensível. Como definir-se? Esmagavam-lhe o espirito amargurosas interrogações. Quem era, afinal, aquele Jesus que o topava em toda parte? O interêsse de Abigail pelo Evangelho perseguido revelava a vitória do carpinteiro nazareno a contrastar os proprios sonhos da sua mocidade.

— Mas, Zacarias — perguntou irritadiço o doutor

de Tarso — por que não impediste semelhante contacto? Esses velhos feiticeiros percorrem as estradas disseminando a confusão. Surpreende-me essa condescendencia, porquanto, nossa fidelidade á Lei não admite, ou pelo menos nunca deverá admitir transigencias.

O interpelado recebeu a recriminação com serenidade e accentuou:

— Antes de tudo, importa considerar que pedí em vão o socorro da tua presença, para orientar-me. E além do mais, quem teria coragem de sonegar o remédio ao doente amado? Desde que lhe vi a resignação santificada, fiz o proposito de não me referir aos seus novos pontos de vista em matéria de crença religiosa.

E, como Saulo estivesse engolfado em profundas cismas, sem saber o que responder, o bom homem rematou:

— Vem comigo, verás com os proprios olhos!...

O rapaz seguiu-lhe os passos, cambaleando. As idéias baralhavam-se-lhe no cérebro dolorido. Aquelas notícias inesperadas envenenavam-lhe o coração.

Reclinada no leito, assistida pela afeição maternal de Ruth, a moça de Corinto estampava no rosto um profundo abatimento. Muito magra, a epiderme adquirira a côr do marfim, mas o olhar lúcido denotava absoluta calma espiritual. Carinhosa serenidade estampava-se-lhe na fisionomia entristecida. De vez em quando, renovava-se a dispnéia com prolongada aflição, voltando-se então para a janela aberta, como se dali esperasse remédio ao seu cansaço, através das brisas frescas que chegavam do seio generoso da natureza.

Ao vê-la, Saulo não dissimulou o seu espanto. A jóvem, por sua vez, recebendo a jubilosa surpresa, tomou-se de sincera e transbordante alegria.

Saudações afetuosas se trocaram entre ambos, enquanto os olhos traduziam a saudade angustiosa com que haviam esperado aquele momento. O futuro rabino acariciou-lhe as mãos mimosas, que pareciam agora modeladas em cera translúcida. Falaram da esperança que os alentara, constante, antes do reencontro. Notando que eles desejavam ficar sós para confidenciar

mais á vontade, Zacarias e Ruth retiraram-se discretamente.

— Abigail! — exclamou Saulo comovido, logo que se viram a sós — abduquei do meu orgulho e da minha vaidade de homem público para vir até aqui perguntar se me perdoaste, se me não esqueceste!

— Esquecer-te? — perguntou ela de olhos húmidos. Por mais rude e longa que seja a estação de sol ardente, a folha do deserto não poderá esquecer a chuva benéfica que lhe deu vida. Não me fales, igualmente, em perdão, pois acaso poderá alguém perdoar-se a si mesmo? E nós, Saulo, pertencemo-nos um ao outro para a eternidade. Não me disseste, muitas vezes, que eu era o coração do teu cérebro?

Ouvindo o timbre caricioso daquela voz amada, o jovem de Tarso comovia-se nas entranhas do proprio sôr arrebatado e ardente. Aquela humildade, aquele tom de ternura, penetravam-lhe o coração, reconquistando-lhe o discernimento para o caminho reto.

Guardando as mãos pálidas da noiva entre as suas, exclamou com um lampejo de alegria nos olhos:

— Por que dizes que "eras o coração", se ainda és e se-lo-ás para sempre? Deus abençoará nossas esperanças. Realizaremos nosso ideal. Voltei para levar-te comigo. Teremos um lar, serás nele a rainha!...

Dominada por indefinível alegria, a noiva contemplava-o com lágrimas e murmurou:

— Desconfio, Saulo, que os lares da Terra não foram feitos para nós!... Deus sabe quanto desejei, ardentemente, ser a mãe carinhosa de teus filhos; como conservei o ideal acima de todas as circunstancias, para aformosear tua existencia com o meu carinho! Desde menina, em Corinto, vi mulheres que desbaratavam os tesouros do céu, simbolizados no amor do espôso e dos filhinhos; e pensei que o Senhor me concederia o mesmo patrimonio de esperanças divinas, pois aguardava as benções do santuário doméstico para glorifica-lo de todo coração. Para exalta-lo, idealizei a vinda do homem amado, que me auxiliaria a erguer o altar da próle; e assim que me chegaste, organizei vastos planos de uma

vida santa e venturosa, na qual pudessemos honrar a Deus.

Saulo escutava comovido. Nunca lhe observara tamanha largueza de raciocínio e lucidez, naquele tom de ternura tranquila.

— Mas o céu — prosseguiu resignada — retirou-me as possibilidades de semelhante ventura na Terra. Nos meus primeiros dias de solidão, visitava os lugares ermos, como a procurar-te, requisitando o socorro do teu afeto. Os pessegueiros de nossa predileção pareciam dizer que nunca mais voltarias; a noite amiga aconselhava-me a esquecer; o luar que me ensinaste a bem querer, agravava as minhas recordações e amortecia as minhas esperanças. Da peregrinação de cada noite, voltava com lágrimas nos olhos, filhas do desespêro do coração. Embalde procurava tua palavra confortadora. Sentia-me profundamente só. Para lembrar e seguir tuas advertencias, recordava que me chamaste a atenção, a ultima vez que nos encontramos, para a amizade de Zacarias e de Ruth. E' verdade que não tenho outros amigos mais fiéis e generosos que eles; entretanto, não lhes poderia ser mais pesada na vida, além do que sou. Evitei, então, confiar-lhes minhas angústias. Nos primeiros meses da tua ausencia amarguei sem consôlo a minha grande desdita. Foi quando surgiu aqui um velhinho respeitavel, chamado Ananias, que me deu a conhecer as luzes sagradas da nova revelação. Conheci a historia do Cristo, o Filho de Deus Vivo; devorei o seu Evangelho de redenção, edifiquei-me nos seus exemplos. Desde essa hora, compreendí-te melhor, conhecendo a minha propria situação.

Súbito acesso de tósse cortou-lhe a narrativa.

As palavras da noiva caíam-lhe no coração como gôtas de fêl. Nunca experimentara dôr moral tão aguda. Constatando a sinceridade natural, o carinho doce daquelas confissões, sentia-se pungido de acerbos remorsos. Como pudera abandonar, assim, a escolhida de sua alma, olvidando-lhe a fidelidade e o amor? Onde encontrara tamanha dureza de espirito para esquecer deveres tão sagrados? Agora, vinha encontra-la exanime, desi-

ludida de realizar na Terra os sonhos da juventude. Além de tudo, o carpinteiro odiado parecia tomar-lhe o lugar no coração da noiva adorada. Naquele momento, não experimentava apenas o desejo de lhe arrazar a doutrina e os adéptos, mas sentia ciumes dele na alma caprichosa. De que poderes podia dispôr o nazareno obscuro e martirizado na cruz, para conquistar os sentimentos mais puros da noiva carinhosa?

— Abigail — disse comovido — abandona as idéias tristes que poderiam envenenar os sonhos de nossa mocidade. Não te entregues a ilusões. Renovemos nossas esperanças. Breve estarás restabelecida. Sei que me perdoaste a morte de teu irmão e minha família te receberá em Tarso com júbilos sinceros! Seremos felizes, muito felizes!...

Seus olhos pareciam pairar numa região de sonhos deliciosos, procurando reavivar no coração amado os seus projetos de felicidade terrena.

Ela, porém, misturando sorrisos e lágrimas acrescentava:

— Francamente, querido, eu também desejaria reviver!... Ser tua, entretecer teus sonhos de juventude, inventar estrelas para o céu da tua existencia; tudo isso constitue meu ideal de mulher!... Ah! se pudesse, buscaria os teus parentes com amor, haveria de conquistá-los para o meu coração, ao preço de um grande afeto; mas, pressinto que os planos de Deus são diferentes no que concerne aos nossos destinos. Jesus chamou-me para a sua família espiritual...

— Ai de mim! — exclamou Saulo cortando-lhe a palavra — em toda parte, tôpo expressões do carpinteiro de Nazaré! Que flagelo! Não repitas semelhante cousa. Deus não seria justo se te sequestrasse ao meu afeto. Quem poderia então, como esse Cristo, interpor-se aos nossos votos?

Mas Abigail fixou-o com um gesto súplice e falou:

— Saulo, de que nos valeria a desesperação? Não será melhor inclinarmo-nos com paciência aos sagrados designios? Não alimentemos dúvidas prejudiciais. Este leito é de meditação e de morte. O sangue, várias ve-

zes, já me golfou pronunciando o fim. Mas nós cremos em Deus e sabemos que esse fim é apenas corporal. Nossa alma não morrerá, amar-nos-emos eternamente...

— Não concordo — respondia ele extremamente aflito — essas presunções são fruto de ensinamentos absurdos, quais os desse fanático nazareno que morreu na cruz, entre a humilhação e a covardia. Nunca assim foste, melancólica e desalentada; somente os sortilégios galileus podiam convencer-te de tais absurdos funestos. Mas, procura raciocinar por ti mesma! Que te deu o crucificado sinão tristeza e desolação?

— Enganas-te, Saulo! Não me sinto desanimada, embora convicta da impossibilidade de minha ventura terrena. Jesus não foi um mestre vulgar de sortilégios, foi o Messias dispensador de consolação e vida. Sua influencia renovou-me as forças, saturou-me de bom ânimo e verdadeira compreensão dos designios supremos. Seu Evangelho de perdão e amor é o tesouro divino dos sofredores e desherdados do mundo.

O jôvem não conseguia dissimular a irritação que lhe vagava na alma.

— Sempre o mesmo refrão — disse confuso — invariavelmente, a afirmativa de ter vindo para os infelizes, para os doentes e infortunados. Mas, as tribus de Israel não se compõem apenas de criaturas dessa especie. E os homens valorosos do povo escolhido? E as famílias de tradições respeitáveis? Estariam fóra da influencia do Salvador?

— Tenho lido os ensinamentos de Jesus — respondeu a moça com firmeza — supponho compreender as tuas objeções. O Cristo, cumprindo a sagrada palavra dos profetas, revela-nos que a vida é um conjunto de nobres preocupações da alma, a-fim-de que marchemos para Deus pelos caminhos retos. Não podemos conceber o Criador como juiz ocioso e isolado, senão como Pai desvelado no beneficio de seus filhos. Os homens valorosos a que te referes, os fôros de enfermidades e sofrimentos, na posse das bençãos reais de Deus, deviam ser filhos laboriosos, preocupados com o rendimento da tarefa que foram chamados a cumprir, a

pról da felicidade de seus irmãos. Mas, no mundo, temos contra nossas tendencias superiores o inimigo que se instala em nosso proprio coração. O egoísmo ataca a saúde, o ciúme prejudica o mandato divino, como a ferrugem e a traça que inutilizam nossas vestes e instrumentos, quando nos descuidamos. São poucos os que se recordam da proteção divina, nos dias alegres da fartura, como raríssimos os que trabalham á revelia do agulhão. Isso demonstra que o Cristo é um roteiro para todos, constituindo-se em consólo para os que choram e orientação para as almas criteriosas chamadas por Deus a contribuir nas santas preocupações do bem.

Saulo estava impressionado com aquela clareza de raciocinio. Mas a conversação exigira da enférma maior esforço e consequente fadiga. A respiração tornara-se difficil e, não tardou que o sangue lhe borbotasse do peito em prolongada hemoptise. Aquele sofrimento, adornado de ternura e humildade, comovia e exasperava profundamente o noivo. Compreendeu que seria impiedoso atacar, perante a noiva, aquele Jesus que lhe cumpria perseguir até o fim. Não queria crer que a sua Abigail estivesse nas vésperas da morte. Preferia encarar o futuro com otimismo. Restabelecida, fa-la-ia voltar aos seus antigos pontos de vista. Não toleraria a intromissão do Cristo no santuário doméstico. No esforço introspectivo, entretanto, concluiu que precisava dar uma trégua aos seus pensamentos antagonicos, para cogitar dos problemas essenciaes da sua propria tranquillidade. A jóvem enférma, após a crise que durara minutos longos e tristes, tinha os grandes olhos serenos e lúcidos. Contemplando-a naquella doce attitude de suprema resignação, Saulo de Tarso experimentou enternecedoras comoções intimas. Seu temperamento arrebatado entregava-se facilmente ás impressões extremadas. Aproximando-se mais da noiva amada, tinha os olhos húmidos. Desejou acaricia-la como se o fizesse a uma criança.

— Abigail — murmurou ternamente — não falemos mais de idéias religiosas. Perdoa-me! Recordemos nosso porvir de flores, esqueçamos tudo para consolidar as melhores esperanças.

E as palavras lhe borbulhavam ardentes de emoção. O carinho que evidenciavam era sintoma do arrependimento e das aspirações nobres e sinceras que lhe trabalhavam agora, no espírito angustiado. Entretanto, como se fóra presa de singular abatimento depois do esforço dispendido, a jóvem de Corinto estava lânguida receando prosseguir no colóquio, em virtude dos acessos de tósse que a ameaçavam frequentemente. O noivo, preocupado, compreendeu a situação e apertando-lhe as mãos transparentes, beijou-as enternecido.

— Precisas repousar — disse com inflexão carinhosa — não te preocupes por minha causa. Dar-te-ei de minhas forças proprias. Breve estarás restabelecida.

E depois de envolvê-la num olhar cheio de gratidão e infinda ternura, rematava:

— Voltarei a ver-te todas as noites que possa afastar-me de Jerusalém, e logo que puderes voltaremos a ver o luar, lá no jardim, para que a natureza abençoe os nossos sonhos, sob as vistas de Deus.

— Sim, Saulo — disse pausadamente — Jesus nos concederá o melhor. De qualquer modo, no entanto, estarás no meu coração, sempre, sempre...

O doutor da lei ia despedir-se, mas refletiu que a noiva nada lhe dissera com referencia ao irmão. A generosidade daquele silencio impressionava-o. Preferia ser acusado, discutir o feito com as suas penosas circumstancias, para que tambem se justificasse. Mas, em vez de reprimendas encontrava carícias, em vez de exprobrações uma tranquillidade generosa, que sabia ocultar as profundas feridas que ele causara.

— Abigail — exclamou algo hesitante — antes de partir, quisera saber francamente se me desculpaste pela morte de Estevam. Nunca mais pude falar-te das contingencias que me levaram a tão triste desfêcho; no entanto, estou convicto de que tua bondade olvidou minha falta.

— Por que te recordas disso? — respondeu-lhe esforçando-se por manter a voz firme e clara. — Minh'alma está agora tranquila. Jeziél está com o Cristo e morreu legando-te um pensamento amistoso. Que po-

deria eu reclamar de minha parte, se Deus tem sido tão misericordioso para comigo? Ainda agora, estou agradecendo ao Pai justo, de todo o coração, a dádiva da tua presença nesta casa. Ha muito vinha pedindo ao céu não me deixasse morrer sem te rever e ouvir...

Saulo calculou a extensão daquela generosidade espontanea e teve os olhos húmidos. Despediu-se. A noite fresca estava repleta de sugestões para o seu espírito. Nunca meditara nos insondáveis desígnios do Eterno, como naquele momento em que recebera tão profundas lições de humildade e amor, da mulher amada. Experimentava na alma opressa o embate de duas forças antagonicas, que lutavam entre si para a posse do seu coração generoso e impulsivo.

Não compreendia Deus senão como um senhor poderoso e inflexível. A' sua vontade soberana, dobrar-se-iam todas as preocupações humanas. Mas começava a perquirir o motivo de suas dolorosas inquietudes. Por que não encontrava, em parte alguma, a paz anelada ardentemente? E todavia, aquela gente miseravel do "Caminho" entregava-se ás algemas do cárcere, sorridente e tranquila. Homens enfêrmos e valetudinarios, isentos de qualquer esperança do mundo, suportavam-lhe as perseguições com louvores no coração. O proprio Estevam, cuja morte lhe servira de exemplo inesquecível, abençoara-o pelos sofrimentos recebidos por amor ao carpinteiro de Nazaré. Aquelas criaturas desamparadas gozavam de uma tranquillidade que ele desconhecia. O quadro da noiva doente não lhe saía dos olhos. Abigail era sensível e afetuosa, mas lembrava sua ansiedade feminina, a intensidade de suas preocupações de mulher, quando, eventualmente, não conseguia acompanhar com pontualidade no adoravel recanto da estrada de Joppe. Aquele Jesus desconhecido proporcionara-lhe forças ao coração. Se era incontestemente que a enfermidade lhe extinguiu a vida aos poucos, tambem evidente era o rejuvenescimento das suas energias espirituais. A noiva falara-lhe como que tocada de novas inspirações; aqueles olhos pareciam contemplar interiormente a paisagem de outros mundos.

Essas reflexões não lhe deram ensejo a admiração da natureza. Reentrando em Jerusalém, guardou a impressão de quem despertava de um sonho. A' sua frente desenhavam-se as linhas majestosas do grande santuário. O orgulho de raça falava-lhe mais forte ao espírito. Era impossivel conferir superioridade aos homens do "Caminho". Bastou a visão do Templo para que encontrasse em si mesmo os esclarecimentos que desejava. A seu ver, a serenidade dos discipulos do Cristo provinha, naturalmente, da ignorancia que lhes era apanagio. Geralmente, os que se afeioavam aos galileus eram apenas criaturas que o mundo desclassificara pela decadencia fisica, pela educação falha, pelo supremo abandono. O homem de responsabilidade, por certo, não poderia encontrar a paz a preço tão vil. Figurara-se-lhe haver resolvido o problema. Continuará a luta. Contava com o breve restabelecimento da noiva e logo que possivel desposaria Abigail e, com facilidade, dissuadi-la-ia dos fantasiosos quão perigosos engodos daqueles ensinamentos condenados. Do âmbito do seu lar feliz, prosseguiria na perseguição de quantos esquecessem a Lei, trocando-a por outros princípios.

Esses raciocinios acalmaram, de certo modo, as inquietações.

Mas, no dia seguinte, manhã alta, um mensageiro de Zacarias golpeava-lhe a alma com uma notícia grave: Abigail piorara, estava agonizante!

Incontinenti, tomou o caminho de Joppe, ansioso de arrebatara a bem amada ao perigo imminente.

Ruth e o marido estavam desolados. Desde a madrugada, a enfêrma caíra em penosa prostração. Os vomitos de sangue sucediam-se, ininterruptos. Dir-se-ia que só esperara a visita do noivo para morrer. Saulo escutou-os, lívido de cêra. Mudo, dirigiu-se para o quarto, onde o ar fresco penetrava embalsamado, trazendo a mensagem das flores do pomar e do jardim, que pareciam enviar despedidas ás mãos delicadas e carinhosas que lhes haviam dado a vida.

Abigail recebeu-o com um raio de infinita alegria nos olhos translúcidos. O tom de marfim do semblante

abatido, acentuara-se rapidamente. O peito arfava-lhe precipite, o coração batia sem ritmo. Sua expressão geral evidenciava a derradeira agonia. Saulo aproximou-se angustiado. Pela primeira vez na vida, sentia-se tremulo diante do irremediável. Aquele olhar, aquela palidez de mármore, aquela aflição tocada de angústia, anunciavam-lhe o desenlace. Depois de inquiri-la, quanto á razão daquele abatimento inesperado, tomou-lhe as mãos flácidas, banhadas do suor frio dos moribundos.

— Como foi isso, Abigail? — dizia perturbado — ainda ontem, deixei-te tão esperançado... Pedi sinceramente a Deus te curasse para mim!...

Extremamente sensibilizados, Zacarias e sua mulher afastaram-se.

Vendo que a noiva tinha imensa dificuldade em expôr as últimas idéias, Saulo ajoelhou-se a seu lado, cobriu-lhe as mãos de beijos ardentes. A agonia dolorosa parecia-lhe o sofrimento injustificável, que o céu houvera enviado a um anjo. Ele que trazia o espírito ressecado pela hermenêutica das leis humanas, sentiu que chorava intensamente pela primeira vez. Lendo-lhe a sensibilidade através das lágrimas que lhe desciam silenciosamente dos olhos, Abigail esboçou um gesto de carinho com dificuldade infinita. Conhecia Saulo e comprovava-lhe a rigidez do caráter. Aquele pranto revelava o calvário íntimo do bem-amado, mas demonstrava, igualmente, o alvorecer de uma vida nova para o seu espírito.

— Não chores, Saulo — murmurou dificilmente — a morte não é o fim de tudo...

— Quero-te comigo em toda a vida — replicou o rapaz desfeito em lágrimas.

— E contudo, é preciso morrer para vivermos verdadeiramente — acrescentava a moribunda, cortando as palavras com a respiração opressa. — Jesus nos ensinou que a semente caindo na terra fica só, mas se morrer dá muitos frutos!... Não te rebeles contra os designios supremos que me arrebatam do teu convívio material! Se nos uníssemos pelo matrimonio talvez tivéssemos muitas alegrias; teríamos um lar com os nossos filhos;

mas, destruindo nossas esperanças de uma felicidade passageira na Terra, Deus nos multiplica os sonhos generosos... Enquanto esperarmos a união indissolúvel, auxiliar-te-ei de onde estiver e te consagrarás ao Eterno, em esforços sublimes e redentores...

Via-se que a agonizante movimentava recursos supremos para pronunciar as derradeiras palavras.

— Quem te deu semelhantes idéias? — perguntou o jôvem ralado de angústia.

— Esta noite, depois que partiste, senti que alguém se aproximava enchendo o quarto de luz... Era Jeziél que vinha ver-me... Ao avista-lo, lembrei-me de Jesus no inefável mistério da sua ressurreição. Anunciou-me que Deus santificava os nossos propositos de ventura, mas que seria levada ainda hoje á vida espiritual. Ensinou-me a quebrar o egoísmo de minh'alma, encheu-me de bom animo e trouxe-me a grata nova de que Jesus ama-te muito, tem esperanças em ti!... Refleti, então, que seria útil entregar-me jubilosa ás mãos da morte, pois, quem sabe, se ficasse no mundo não iria perturbar a missão que o Salvador te destinou... Jeziél afirmou que nós te ajudaremos de um plano mais alto! Por que, então, deixarei de ser tua companheira?... Seguirei teus passos no caminho, levar-te-ei onde se encontrem nossos irmãos do mundo, em abandono, auxiliarei teus raciocínios a descobrir sempre a verdade!... Ainda não aceitaste o Evangelho, mas Jesus é bom e terá algum meio de nos unir os pensamentos na verdadeira compreensão!...

O esforço da moribunda havia sido imenso. A voz extinguiu-se-lhe na garganta. De seus olhos, profundamente lúcidos, as lágrimas corriam abundantes.

— Abigail! Abigail! — gritava Saulo desesperado.

Mas, após longos minutos de angustiada ansiedade, ela dizia num arranco supremo:

— Jeziél já veio... buscar-me...

Instintivamente, Saulo compreendeu que era chegada o momento fatal. Em vão chamou pela moribunda, cujos olhos se empanavam; debalde lhe beijou as mãos geladas, agora cobertas de um palor de neve translú-

cida. Como louco, gritou por Zacarias e Ruth. Esta, soluçante, desfeita em pranto, abraçou-se a Abigail que, desde a morte do filho, resumia todo o seu tesouro maternal.

A agonizante fixou o olhar, respectivamente em cada um, como a evidenciar amoroso agradecimento. Depois... uma só lágrima silenciosa foi o seu último adeus.

Do jardim próximo chegavam perfumes brandos; o céu crepuscular tonalizava-se de nuvens aurifulgentes, enquanto os passaros em recolhida cruzavam os ares alegremente...

Pesada amargura abatera-se sôbre a mansão da estrada de Joppe. Alara-se ao céu a filha diletta, a noiva amada, a amiga carinhosa das flores e dos passarinhos.

Saulo de Tarso ali se deixou ficar mudo, estarrecido, enquanto Ruth, lavada em lágrimas, cobria de rosas a morta adorada que parecia dormir.

## X

## NO CAMINHO DE DAMASCO

Durante três dias, Saulo deixou-se ficar em companhia dos amigos generosos, recordando a noiva inesquecível. Profundamente abatido, procurava remédio às máguas íntimas, na contemplação da paisagem que Abigail tanto amara. Como triste consólo ao coração desesperado, buscava inteirar-se das preocupações da morta nos últimos tempos e, de olhos húmidos ouvia as referencias carinhosas de Ruth a tudo que se relacionava com a morta querida. Acusava a si proprio de não haver chegado mais cedo para arrebatá-la á enfermidade dolorosa. Pensamentos amargos o atormentavam, tomado de angustioso arrependimento. Afinal, com a rigidez das suas paixões, aniquilara todas as possibilidades de ventura. Com o rigorismo da sua perseguição implacavel, Estevam encontrara o suplício terrível; com o orgulho inflexível do coração, atirara com a noiva ao antro indevassavel do túmulo. Entretanto, não podia esquecer que devia todás as coincidencias penosas áquele Cristo crucificado, que não pudera compreender. Por que topava em tudo um traço do carpinteiro humilde de Nazaré, que seu espirito voluntarioso detestava? Desde a primeira controvérsia na igreja do "Caminho", nunca mais conseguira passar um dia sem encontra-lo na fisionomia de algum transeunte, na admoestação dos amigos, na documentação oficial das suas diligencias punitivas, na boca dos miseros prisioneiros. Estevam expirara falando nele com